

A Embrapa Roraima e as comunidades indígenas

Francisco Joaci de Freitas Luz e Ozélio Izidório Messias

A agricultura indígena em Roraima é realizada tradicionalmente em roças implantadas através do sistema de broca, derruba e queima de mata primária ou capoeiras. Este processo tem sido insuficiente no suprimento das demandas de consumo das comunidades, embora proporcione a base da alimentação tradicional, composta de mandioca, milho, macaxeira e banana. Fruteiras regionais e algumas hortaliças disponíveis em pomares e hortas caseiras complementam a dieta alimentar de origem vegetal. O rápido esgotamento da fertilidade natural das capoeiras é um forte indício da necessidade pela busca de sistemas de produção sustentáveis, cujas áreas disponíveis para incremento da produção estão localizadas em área de savana, onde são grandes as limitações em fertilidade do solo e disponibilidade de água.

A informação que chega às comunidades indígenas sobre novas tecnologias de cultivo, que proporcionam maiores produtividades e que incorporam novas áreas ao processo de produção, especialmente nas áreas de savana, utilizando técnicas de irrigação, preparo e manejo de solo mecanizados, tem despertado o interesse de muitas comunidades indígenas locais em utilizar essas soluções tecnológicas, típicas do agronegócio.

Levantamento recente realizado por uma ONG local (figuras 1 e 2) mostram que o Estado de Roraima detém a metade de seu território demarcado como terra indígena, já homologada ou em processo de homologação. Essas terras, que pertencem à União, são de uso exclusivo das comunidades indígenas. Dentro dessa grande área estão situadas as Terras Indígena Raposa Serra do Sol, com um milhão e setecentos mil ha, onde encontram-se 168 comunidades distribuídas nos municípios de Pacaraima, Uiramutã e Normandia, perfazendo uma população de 18.639 mil indígenas e a Terra Indígena São Marcos com 700 mil ha, contando com 39 comunidades, com aproximadamente 4.000 mil indígenas. Essas duas terras indígenas estão localizadas em sua quase totalidade no Norte de Roraima em ambiente de savana, e os índios das etnias Macuxi, Wapixana e

Taurepang, que ali habitam, possuem um histórico antigo de convivência com a população não-índia do Estado.

Outras etnias que habitam as áreas de mata no Sul e Noroeste do Estado de Roraima são os Yanomami, Waimiri-Atroari, Patamonas e Wai-Wai. Esses indígenas vivem da pesca, caça, artesanato e venda do extrativismo como a castanha do Brasil.

Figura 1. Localização das áreas indígenas de Roraima (Asroz, 2006) – cor amarela

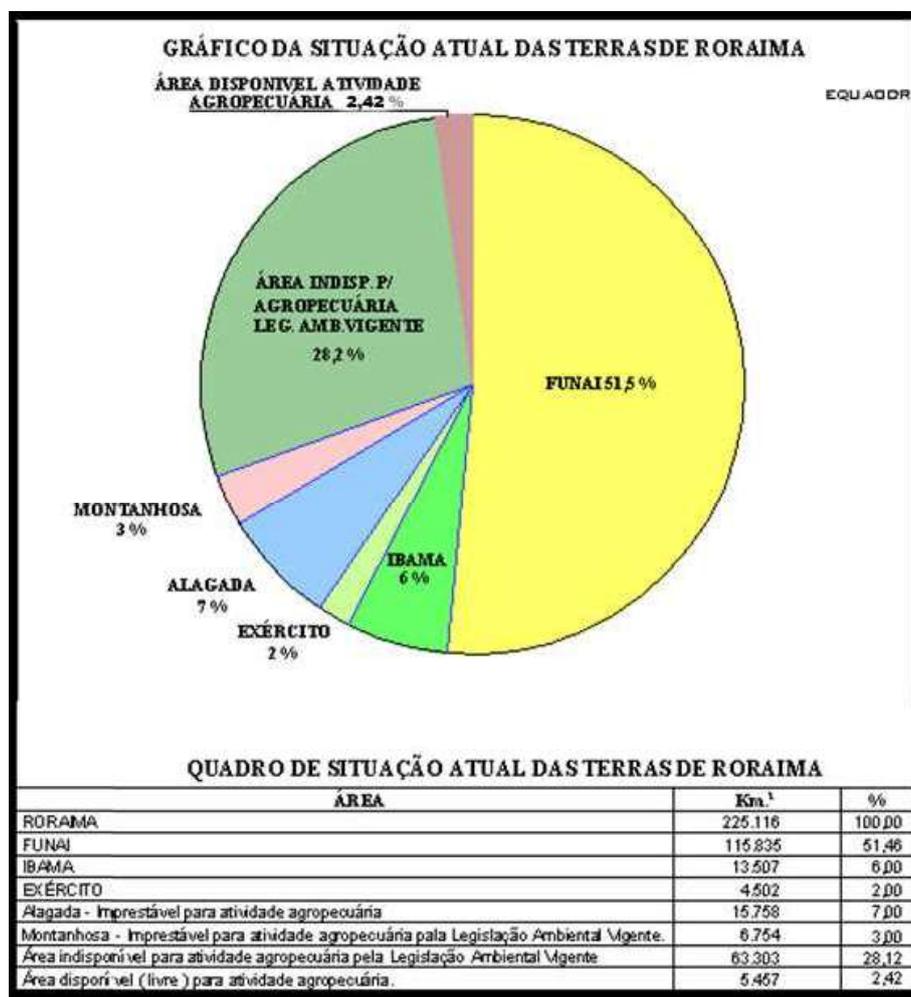


Figura 2. Disponibilidade de terras para agropecuária em Roraima (Asroz, 2006)

Diversos aspectos devem ser considerados para inserção do agronegócio nesses territórios. Primeiro, há uma demanda real pela incorporação de tecnologias em regiões de grandes fazendas que foram incorporadas a terras indígenas demarcadas nos últimos 20 anos, onde predominam índios acostumados à lida nas antigas fazendas, principalmente com a pecuária extensiva e com o cultivo mecanizado de arroz. Segundo, ocorreu uma forte segmentação de antigas comunidades indígenas (malocas) aliado a um crescimento da população durante e após o processo de demarcação. A partir desses dois eventos, a mudança dos hábitos de consumo, o acesso à escola e a novas tecnologias de informação têm contribuído para o surgimento de novas necessidades materiais, que requerem recursos financeiros para seu atendimento pleno.

Nesse ambiente, aumentar áreas de cultivo, fomentar criações animais e diversificar as fontes de alimento e renda compõem as principais demandas dos indígenas das savanas de Roraima. Excluem-se aquelas comunidades mais isoladas, das etnias yanomami, sanuma, patamona, ingaricó, yekuana e wai-wai.

De forma sistemática a primeira oportunidade para discussão sobre a produção agrícola nas comunidades indígenas de Roraima aconteceu no ano de 2001, quando por três dias, de 11 a 13 de junho do citado ano, reuniram-se lideranças indígenas, representantes de associações indígenas, instituições públicas e privadas que atuam no setor e técnicos, no workshop intitulado: Ajuri – agronegócios para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas de Roraima. O evento foi promovido pela Embrapa, a Universidade Federal de Roraima, a Funai e Organizações indígenas.



AJURI – Workshop

Os participantes foram divididos em três grupos de trabalho, relacionados a seguir: produção vegetal, produção animal e produtos e subprodutos da biodiversidade. Cada grupo se encarregou de elencar os principais problemas de seu setor e as principais ações que poderiam ser realizadas para contribuir com possíveis soluções. O resultado apresentado foi o seguinte:

Produção vegetal

| Problemas | Ações |
|--|--|
| Assistência técnica deficiente | Implementar o cultivo de: feijão comum, feijão caupi, mandioca, milho, macaxeira, banana, citrus, melancia, pimenta, manga, caju, arroz, maracujá e hortaliças |
| Mão-de-obra desqualificada para manejo intensivo do solo e cultivos não tradicionais | |
| Isolamento geográfico | |
| Infraestrutura deficiente | Promover o uso da irrigação |
| Experiência negativa com descontinuidade de projetos | Fomentar a assistência técnica |
| Pouca tradição em agricultura tradicional | Realizar capacitação técnica |

Produção animal

| Problemas | Ações |
|--|---|
| Assistência técnica deficiente | Implementar as seguintes atividades: bovinocultura de corte, ovinocultura, suinocultura, avicultura, piscicultura, apicultura e a criação de animais silvestres |
| Mão-de-obra desqualificada para lida com animais | |
| Baixa produtividade animal | |
| Infraestrutura de criação e manejo deficientes | Fomentar a assistência técnica |
| Isolamento geográfico | Realizar capacitação técnica |
| Baixa contribuição na renda | |
| Deficiência hídrica em algumas regiões | |
| Manejo de pasto nativo com fogo | |

Produtos e subprodutos da biodiversidade

| | |
|---|--|
| Desconhecimento de mercados e da valoração de produtos | Fomentar a utilização e manejo de plantas fornecedoras de fibras |
| Pouca tradição no uso de alguns produtos como alternativa econômica | Fomentar o artesanato, o uso e a produção de plantas medicinais e de cosméticos naturais |
| Erosão de costumes e tradições | Capacitação |
| Isolamento geográfico | |
| Mercado local incipiente | |
| Pouca experiência na comercialização | |
| Capacitação insuficiente | |
| Pouca divulgação de experiências positivas | |

Disponibilidade de terra e recursos naturais, grande contingente de mão-de-obra e a necessidade de garantir segurança alimentar e geração de excedentes, até mesmo para suprimento da demanda estadual por alimentos, são características positivas para a inserção de parte das áreas indígenas do Estado no contexto do agronegócio regional. Alguns processos relacionados à capacitação, transferência e adaptação de tecnologias,

transformação de recursos naturais potenciais em produtos adequados ao mercado de consumo, agregando valores sócio-ambientais e marcas estratégicas, podem ser atendidos por meio de um rol de parcerias onde se situa a Embrapa.

De modo pioneiro, a Embrapa Roraima tem realizado várias atividades de transferência de tecnologias do agronegócio a comunidades indígenas de Roraima das terras indígenas Raposa - Serra do Sol e São Marcos, compreendendo as etnias macuxi, wapixana e taurepang, de modo a atender demandas pontuais de associações representativas dos índios. Todos os trabalhos são realizados em parcerias institucionais com a Funai, a Secretaria do Estado do Índio e associações indígenas.

Para as primeiras atividades da Embrapa com essas comunidades, foram utilizados recursos próprios da Embrapa Roraima. Nessa fase foram instaladas unidades de demonstração variando de 0,5 a 1 hectare, com as culturas de banana, mandioca, feijão caupi, maracujá e melancia.

Nos anos de 2005 e 2006 foram utilizados recursos do programa Fome Zero/Ministério do Desenvolvimento Social, no valor de R\$ 75.000,00. As comunidades indígenas do Milho, Lago Grande e Sorocaima I na terra indígena São Marcos; Tachi, Maracanã, Contão Barro e Ticoça, na área indígena Raposa - Serra do Sol; e Truaru, na terra indígena Truaru foram contempladas com unidades demonstrativas de mandioca, melancia, banana e feijão caupi com o tamanho de até 1 ha, viveiros para produção de mudas frutíferas e espécies florestais e criação de peixe em tanques-rede em lagos naturais. Foram parceiros dessas atividades, a Associação dos Povos Indígenas de Roraima (APIRR), a Sociedade de Defesa dos Índios Unidos do Norte de Roraima (SODIURR), a Secretaria de Estado do Índio em Roraima (SEI), a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e a Associação Programa São Marcos.

Em 2006 com a aprovação de duas emendas parlamentares, foram beneficiadas quatro comunidades com as culturas de mandioca, feijão caupi e feijão *Phaseolus* totalizando 100 hectares. Um outro projeto, financiado pelo Ministério da Justiça no valor de R\$ 1.500.000,00, denominado PERSSOL (Programa de Etnodesenvolvimento da Raposa - Serra do Sol) está em andamento nas comunidades assinaladas a seguir: Raposa, Napoleão e Juazeiro no município de Normandia; Maracanã, Camararém, Ticoça e

Flexal, no município de Uiramutã; São Jorge, Tachi II e Contão , no Município de Pacaraima.

Essas comunidades estão sendo beneficiadas com as cultura do milho, mandioca , feijão caupi, viveiros de fruteiras, 18 km de canalização de água por gravidade, compra de três tratores, duas plantadeiras de mandioca, três arados, compra de calcário e insumos agrícolas para beneficiar 130 ha dessas culturas na área de savana.

Resumo das principais atividades da Embrapa Roraima nas comunidades indígenas do Estado de 2002 a 2007.

| cultura | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 |
|-------------------------|------|------|------|-------|-------|--------|
| Melancia (covas) | 200 | 400 | 800 | 7000 | 10000 | 25000 |
| Mandioca | 2 ha | 4 ha | 8 ha | 10 ha | 28 ha | 85 ha |
| Feijão caupi | 2 ha | 4 ha | 6 ha | 8 ha | 29 ha | 37 ha |
| Feijão <i>Phaseolus</i> | - | - | - | - | 25 ha | - |
| Milho | | | | | 2 ha | 22 ha |
| Peixes (tambaqui) un | | | | | 1.000 | 14.000 |

As áreas indígenas de Roraima ocupam extensas áreas de savana gramínea e savana estépica, com altitudes variando de 100 a mais de 1.000 metros. Áreas de microclima, manchas de terra roxa estruturada e uma complexidade de ambientes florísticos únicos na amazônia brasileira são ocupados pelas comunidades indígenas locais. O uso da biodiversidade e de plantas e animais já domesticados é de extrema relevância para a preservação das tradições e costumes dessa população. No entanto, devido ao grande contingente de índios em contato com a população não índia de Roraima, as formas extrativistas ou o uso de roças em áreas de capoeiras ou margens de rios é, na atualidade, e certamente, nos anos vindouros, insuficiente para suprir suas necessidades alimentares. Processos sustentáveis de produção, com devidos componentes de gestão ambiental, tendem a tornarem-se de grande valia para a segurança alimentar dessas populações e possivelmente, para o incremento da produção de alimentos no Estado.

O conhecimento tradicional das comunidades indígenas, associado ao uso da biodiversidade é um laboratório para instituições de pesquisa nacionais. Plantas medicinais e outras de uso potencial na indústria farmacêutica, recursos genéticos alimentares agroindustriais e plantas usadas em artesanato indígena ainda estão carentes de prospecção, tecnologias de uso e validação com vistas aos mercados nacional e internacional.